

Um catarinense no comando do Itamaraty: a nomeação de Lauro Müller como Ministro das Relações Exteriores do governo Hermes da Fonseca vista pelo jornal *Folha do Commercio*

Edinéia Cristiani Pedrotti
ec.pedrotti@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O presente artigo versa sobre a repercussão, no jornal *Folha do Commercio*, da nomeação do catarinense Lauro Severiano Müller ao cargo de ministro das Relações Exteriores pelo presidente Hermes da Fonseca, em fevereiro de 1912, após o falecimento do barão do Rio Branco, alçado à condição de herói nacional depois de uma carreira diplomática de feitos relevantes, especialmente no tocante à consolidação das fronteiras do Brasil.

Palavras-chave: Lauro Müller; Hermes da Fonseca; Barão do Rio Branco; Jornal *Folha do Commercio*

Abstract: This article deals with the repercussions, in the newspaper *Folha do Commercio*, of the appointment of the Santa Catarina native Lauro Severiano Müller to the position of Minister of Foreign Affairs by President Hermes da Fonseca, in February of 1912, after the death of the Baron of Rio Branco, elevated to the status of national hero after a diplomatic career of relevant accomplishments, especially regarding the consolidation of Brazil's frontiers.

Key-words: Lauro Müller; Hermes da Fonseca; Baron of Rio Branco; Newspaper *Folha do Commercio*

Introdução

Este artigo possui como proposta a realização de um estudo sobre a repercussão que a nomeação do catarinense Lauro Severiano Müller, membro do Partido Republicano Catarinense – PRC, ao mais alto posto do Ministério das Relações Exteriores, teve no jornal *Folha do Commercio*.

O itajaiense Lauro Müller, militar de carreira, foi nomeado ministro das Relações Exteriores pelo marechal Hermes da Fonseca – primeiro presidente da República militar desde Floriano Peixoto – no dia 15 de fevereiro de 1912, em virtude da morte do barão do Rio Branco, que ocorrera cinco dias antes e causara grande comoção nacional, tendo em vista que Rio Branco fora responsável, durante sua bem-sucedida carreira diplomática, dentre outras obras, pela consolidação das fronteiras do Brasil.

Se o jornal *O Dia* era tido como o veículo oficial do PRC, por outro lado, o jornal *Folha do Commercio*, publicação que tinha Crispim Mira como redator-proprietário, se autodeclarava como de linha editorial independente de influências político-partidárias, razão



pela qual se torna interessante analisar sua postura – apoio, crítica ou indiferença – diante da nomeação de Lauro Müller a um cargo de tamanha relevância no cenário político nacional.

Com vistas a uma melhor abordagem do tema, optou-se por dividir o trabalho em três partes. A primeira tratará da biografia de Lauro Müller, enfatizando-se sua carreira militar e sua trajetória política. A segunda, por sua vez, buscará analisar o legado deixado pelo barão do Rio Branco e o processo de sucessão após sua morte, em fevereiro de 1912. Por fim, na terceira parte serão tecidas considerações acerca da forma como o jornal *Folha do Commercio* repercutiu a nomeação do catarinense ao cargo de ministro das Relações Exteriores por Hermes da Fonseca.

Dessa forma, o presente artigo pretende contribuir, de forma crítica, para o aprofundamento da discussão acerca de um tema ainda pouco explorado pela historiografia catarinense, que são as relações de poder que perpassavam a imprensa catarinense no período em que Lauro Müller assumiu o Ministério das Relações Exteriores.

Lauro Müller: síntese biográfica

Para uma melhor compreensão do episódio da nomeação de Lauro Müller ao cargo de ministro das Relações Exteriores do governo Hermes da Fonseca, necessário se faz, em um primeiro momento, realizar um apanhado biográfico do catarinense, enfatizando-se as trajetórias militar e política, com o intuito de verificar sua influência, tanto pessoal quanto partidária, no âmbito do Poder Executivo Federal.

Seus avós, Johann Müller e Ana Maria Reinadus¹, juntamente com seu pai, Peter – ou Pedro, em português –, estavam entre os primeiros alemães que fundaram a colônia de São Pedro de Alcântara, em 1828.

Seu pai casou-se com Ana Michels, também imigrante alemã, e o casal mudou-se para Itajaí, onde Pedro Müller estabeleceu-se como comerciante, tendo sete filhos, dentre eles Lauro Severiano Müller, que nasceu a 8 de novembro de 1863.

Na juventude mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi morar com um tio e trabalhou em uma loja. Demonstrando inabilidade para o trabalho no comércio, iniciou a carreira militar, onde mais tarde tornou-se engenheiro. Na Escola Militar Lauro Müller teve contato com as ideias republicanas, tendo sido aluno de Benjamin Constant e, assim como

¹ César do Canto Machado, no entanto, na página 114 da obra *Biografias de catarinenses notáveis*, refere-se à avó paterna de Lauro Müller como Ana Maria Raimácula.



outros militares contemporâneos seus, participou da Proclamação da República. Segundo seu biógrafo Marcos Konder,

Lauro, mesmo desligado da Escola Militar, continuou a cultivar os ideais republicanos, pregados pelo seu mestre. Em 15 de novembro coube-lhe a missão de vir, a cavalo, com o tenente Adolfo Pena, de São Cristóvão à cidade, para avisar o Marechal Deodoro, às três horas da madrugada, de que a Brigada estava toda em armas, pronta para depor o Ministério Ouro Preto ou para proclamar a República. E no dia 15 de novembro estava Lauro a postos a prestigiar com a sua farda a transformação do regime, numa revolução das mais pacíficas que o Brasil teve².

Certamente em razão das relações estabelecidas com os militares que assumiram o Poder Executivo Federal, foi enviado à Santa Catarina, para se tornar governador do Estado. Para César do Canto Machado, a indicação partiu de Benjamim Constant e Esteves Júnior³. Em 1891 foi eleito deputado constituinte. Depois de “Promulgada a Constituição federal de 24 de fevereiro de 1891, voltou Lauro Müller ao seu Estado já como governador constitucional, eleito pelo Congresso, em 11 de junho de 1891”⁴.

Estava no comando do Estado quando ocorreu a Revolução Federalista. Lauro Müller apoiou o golpe de Estado do então presidente da República, Deodoro da Fonseca, que dissolveu o Congresso Nacional. Como consequência, os federalistas da Capital e de São José exigiram a sua renúncia, o que efetivamente veio a ocorrer, no dia 29 de dezembro de 1891.

Com a renúncia, voltou a exercer o cargo de deputado no Rio de Janeiro e tornou-se aliado do marechal Floriano Peixoto, tendo inclusive sido enviado ao Paraná para auxiliar as tropas do General Argolo na repressão da Revolta da Armada.

Consta, no entanto, que Lauro Müller não comandou tropas em campo, ficando adstrito à articulação, pois não tinha perfil militar, não gostava de usar a violência como forma de resolução de problemas. Em razão disso, Floriano Peixoto não lhe chamava pela patente, pois para o Marechal de Ferro engenheiro militar não era oficial, mas doutor⁵.

Em 1897 voltou a Santa Catarina para fundar o Partido Republicano Catarinense – PRC e, em 1899, foi escolhido senador, cargo que o acompanhou até a morte, excetuados os períodos em que foi ministro de Estado.

² KONDER, Marcos. *Lauro Müller: a pequena pátria*. Florianópolis: FCC Edições, 1982, p. 18.

³ MACHADO, César do Canto. *Biografias de catarinenses notáveis*. Florianópolis: Insular, 2001, p. 116.

⁴ KONDER, Marcos. *Lauro Müller: a pequena pátria*. Florianópolis: FCC Edições, 1982, p. 20.

⁵ *Ibidem*. p. 31.



No dia 3 de agosto de 1902 foi novamente escolhido para governar Santa Catarina, mas permaneceu no cargo somente quarenta e oito dias, pois foi escolhido pelo presidente Rodrigues Alves para ocupar o cargo de ministro da Viação e Obras Públicas de seu governo.

Sobre a passagem de Lauro Müller pelo Ministério da Viação e Obras Públicas, Marcos Konder diz que “(...) era conhecido como parlamentar e governador de um Estado pequeno, mas como engenheiro militar, ninguém dava nada por ele. Lauro foi, portanto, uma verdadeira revelação”⁶.

Depois dessa passagem pelo Ministério, retornou ao Senado, tendo apoiado o marechal Hermes da Fonseca na disputa com o civil Rui Barbosa pela Presidência da República em 1910.

O apoio dado a Hermes da Fonseca foi retribuído dois anos depois. Por ocasião da morte do então chanceler barão do Rio Branco, em 10 de fevereiro de 1912, Lauro Müller foi escolhido para sucedê-lo no Ministério das Relações Exteriores – o qual passou a ser conhecido como Itamaraty na gestão de Rio Branco –, tendo sido nomeado por Hermes da Fonseca cinco dias depois. A sucessão também se deu na Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº 34.

Manteve-se no cargo de ministro das Relações Exteriores mesmo no governo seguinte, do civil Wenceslau Brás, iniciado em 1914. No entanto, com o advento da Primeira Guerra Mundial, devido, entre outros fatores, à oposição que se fez à sua ascendência germânica, viu-se compelido a renunciar no dia 2 de maio de 1917.

Retornou ao Senado e lá permaneceu até sua morte, no dia 30 de julho de 1926, posto que, eleito em 1918 a um novo mandato de governador de Santa Catarina, não compareceu para tomar posse, assumindo o cargo o seu vice, Hercílio Luz.

O legado e a sucessão do barão do Rio Branco

José Maria da Silva Paranhos Júnior, mais conhecido pelo título nobiliárquico barão do Rio Branco, apesar de monarquista convicto, esteve à frente do Ministério das Relações Exteriores entre 1902 e 1912, nos governos republicanos de Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca.

Rio Branco iniciou a carreira diplomática em 1876, como cônsul geral em Liverpool, na Inglaterra. Começou a ganhar destaque no cenário político brasileiro ao ser nomeado, em meados de 1893, para defender a causa brasileira no litígio com a Argentina na região de

⁶ Ibidem. p. 40.



fronteira com aquele país nos Estados do Paraná e Santa Catarina, denominada Questão de Palmas, arbitrada pelo presidente norte-americano Grover Cleveland, da qual o Brasil sagrou-se vencedor. “De uma hora para outra, o ignorado funcionário se transformava em celebridade nacional”⁷, comenta o também diplomata Rubens Ricupero.

A vitória na Questão de Palmas o credenciou a atuar em favor do Brasil quanto à disputa com a França acerca da fronteira com a Guiana Francesa, arbitrada pela Confederação da Suíça, onde mais uma vez deu-se parecer favorável ao Brasil.

Já empossado como ministro das Relações Exteriores, em 1903 esteve à frente das negociações com a Bolívia que culminaram na transferência ao Brasil do atual território do Acre, pelo Tratado de Petrópolis:

Na opinião do próprio barão, o Acre foi sua maior e mais difícil vitória. Evitando o recurso extremo à guerra, conseguiu-se garantir à soberania nacional um território desbravado e povoado por brasileiros. Dizia Rio Branco que o Acre era o único exemplo indiscutível de expansão das fronteiras do país⁸.

Durante sua gestão no Ministério das Relações Exteriores foram também definidas – igualmente por negociações e não por guerras – as fronteiras com Equador, Guiana Inglesa, Venezuela, Guiana Holandesa (Suriname), Colômbia e Peru, bem como assinado o tratado de retificação de fronteiras com o Uruguai.

Porém, não foi apenas na consolidação das fronteiras do Brasil que se deu a importância da atuação de Rio Branco para o país. Além da demarcação das fronteiras, antevendo a hegemonia política, econômica e militar que viria a ser alcançada pelos Estados Unidos depois da Primeira Guerra Mundial, deslocou o eixo da diplomacia brasileira de Londres para Washington. Também buscou, como bem menciona Francisco Doratioto, estreitar as relações com os países vizinhos e firmar o Brasil como liderança na América do Sul⁹.

É inegável que Rio Branco, com suas virtudes de hábil negociador, deu nova roupagem à diplomacia que até então era praticada no Brasil, sendo aclamado ainda em vida

⁷ RICUPERO, Rubens. O desenhista do Brasil. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 77, fev. 2012, p. 61-62.

⁸ *Ibidem*. p. 63.

⁹ DORATIOTO, Francisco. Projeção brasileira na América do Sul. *Nossa História*, São Paulo, ano 3, n. 25, nov. 2005, p. 25.



como herói nacional. O escritor Euclides da Cunha, seu contemporâneo, chegou a dizer que ele era o único grande homem do país¹⁰.

Sua morte, ocorrida em 10 de fevereiro de 1912, aos 66 anos, no Palácio do Itamaraty, Rio de Janeiro, provocou consternação da população local – que inclusive fechou as portas do comércio em sua homenagem¹¹ – e foi noticiada pela imprensa com grande comoção, porquanto Rio Branco

[...] era avaliado pela imprensa, pela elite política e por grande parte da população brasileira como o mais alto defensor da paz. Era, ainda, o ministro mais respeitado de todos os governos republicanos desde 1902, data em que recebeu a nomeação para o Ministério das Relações Exteriores¹².

O presidente Hermes da Fonseca, que não gozava de popularidade, decretou luto oficial na cidade e transferiu o Carnaval daquele ano, que ocorreria na semana seguinte, para 6 de abril¹³. Porém, seu maior desafio seria preencher a contento a lacuna que se abria no Ministério das Relações Exteriores, já que o sentimento geral, resumido na manchete do jornal *A Noite* daquele dia 10 de fevereiro, era de que a morte de Rio Branco representava uma catástrofe nacional¹⁴.

A opção de Hermes da Fonseca para suceder o homem que terminou por desenhar as fronteiras do Brasil não foi por um diplomata de carreira, como seria de se esperar, mas recaiu sobre um militar, o catarinense Lauro Müller que, apesar de gozar da fama de ser avesso a derramamento de sangue e de ter feito uma gestão eficiente à frente do Ministério da Viação e Obras Públicas, não tinha nenhuma experiência em política externa, o que despertou críticas dos rivais do presidente, as quais ficaram mais contundentes após o início da Primeira Guerra Mundial e acabaram por culminar na renúncia do chanceler em 2 de maio de 1917:

Lauro Müller, o sucessor de Rio Branco, não possuía nem as qualidades pessoais e profissionais, nem a experiência de seu predecessor. Para piorar, sua ascendência germânica despertava desconfiança na corrente majoritária pró-aliados, que incluía Rui Barbosa, Graça Aranha, Olavo Bilac, José Veríssimo, Barbosa Lima e outras figuras influentes¹⁵.

¹⁰ MAGNOLI, Demétrio. Uma ilha chamada Brasil. *Nossa História*, São Paulo, ano 3, n. 25, nov. 2005, p. 17.

¹¹ LEITÃO, Alexandre; MELO, Alice. *Folia em dose dupla*. Em <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/fofia-em-dose-dupla>> Acesso em 15/11/2012.

¹² Ibidem.

¹³ Ibidem.

¹⁴ RICUPERO, Rubens. O desenhista do Brasil. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 77, fev. 2012, p. 60.

¹⁵ RICUPERO, Rubens. Espólios de guerra. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 37, out. 2008, p. 21.



Conhecedor da sua condição, Lauro Müller talvez tenha recebido o convite com surpresa, como pondera Marcos Konder, tratando de, no seu discurso de posse, frisar que estava sucedendo Rio Branco, sem substituí-lo, no entanto¹⁶.

A nomeação de Lauro Müller vista pelo jornal *Folha do Commercio*

Em 15 de fevereiro de 1912, data da nomeação de Lauro Müller como Ministro das Relações Exteriores do governo Hermes da Fonseca, circulavam na capital do Estado de Santa Catarina dois grandes periódicos: *O Dia*, o jornal oficial do partido de Lauro Müller, o Partido Republicano Catarinense – PRC; e o *Folha do Commercio*, cujo redator-proprietário era o jornalista Crispim Mira e que se autodeclarava sem filiação partidária¹⁷.

Se, por um lado, parece evidente que a nomeação do catarinense ao posto máximo do Ministério das Relações Exteriores foi bem recebida pelo jornal *O Dia*, por outro se torna interessante analisar a postura do jornal *Folha do Commercio* – se houve apoio, crítica ou indiferença.

Assim, com vistas a uma melhor compreensão da relação entre o *Folha do Commercio* e Lauro Müller, foram analisados os exemplares não somente do mês de fevereiro de 1912, mas também os exemplares do mês imediatamente anterior ao fato, janeiro, e os do mês posterior, março¹⁸.

Acerca da utilização de periódicos como fonte documental, a perspectiva aqui adotada foi a de analisar o *Folha do Commercio* como discurso, pautado por determinados interesses, e não como simples transposição, para o papel, da verdade dos fatos. Nesse sentido, Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas afirmam que “[...] um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente”¹⁹.

O assunto que domina as manchetes do jornal *Folha do Commercio* em janeiro de 1912 é a escolha dos candidatos do PRC à representação catarinense na Câmara Federal. O jornal faz campanha explícita em favor de Paula Ramos, enfatizando o seu apoio popular e criticando a opção do então governador do Estado, Vidal Ramos, bem como de Felipe

¹⁶ KONDER, Marcos. *Lauro Müller: a pequena pátria*. Florianópolis: FCC Edições, 1982, p. 48.

¹⁷ PEREIRA, Moacir. *Imprensa & poder: a comunicação em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, FCC Edições, 1992, p. 22-23.

¹⁸ Os exemplares foram consultados no acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina.

¹⁹ CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 377.



Schmidt e Lauro Müller – os chefes do partido situacionista, segundo o periódico – por Abdon Batista, Henrique Valgas e Pereira Oliveira²⁰. Já para o Senado, a convenção do partido indicara o nome de Lauro Müller, o qual foi aprovado²¹.

Em meados de janeiro é anunciada a chegada de Lauro Müller ao Estado para agradecer a indicação para o Senado, sendo detalhada minuciosamente sua recepção festiva²². Porém, o jornal aproveita-se da presença de Lauro Müller em Santa Catarina – chefe supremo do PRC – para posicionar-se contra a exclusão dos nomes de Paula Ramos e Celso Bayma da representação catarinense na Câmara Federal²³.

No entanto, o objeto das críticas do *Folha do Commercio* é o governador Vidal Ramos, o qual seria visto pela população como antipático²⁴. Apesar de Lauro Müller também ter deliberado pela exclusão de Paula Ramos, o jornal refere-se a ele como homem de valor e um dos estadistas de maior destaque, que não tomaria proposições sem estar seguro delas ou que não expressassem a verdade de seu sentir²⁵.

No início de fevereiro começam a circular notícias que dão conta da gravidade do estado de saúde de Rio Branco²⁶. Sua morte, em 10 de fevereiro, as homenagens recebidas e o funeral são amplamente noticiados e passam a ter manchetes praticamente diárias durante quase todo o mês²⁷. Neste dia o jornal divulga uma nota dizendo que dois dias antes Lauro

²⁰ *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 645, p. 02, 03 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 647, p. 01-02, 05 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 648, p. 02, 06 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 650, p. 01, 09 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 651, p. 01-02, 10 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 652, p. 01-02, 11 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 653, p. 01, 12 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 654, p. 02, 13 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 655, p. 02, 15 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 656, p. 02, 16 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 657, p. 01-03, 17 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 658, p. 01-03, 18 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 659, p. 01-02, 19 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 661, p. 01, 22 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 662, p. 01-02, 23 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 663, p. 01, 24 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 664, p. 01-02, 25 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 665, p. 02, 26 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 666, p. 01-02, 27 jan. 1912.

²¹ *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 648, p. 02, 06 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 651, p. 01, 10 jan. 1912.

²² *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 656, p. 01, 16 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 657, p. 02, 17 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 658, p. 01, 18 jan. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 659, p. 01, 19 jan. 1912.

²³ *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 657, p. 01, 17 jan. 1912.

²⁴ *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 647, p. 02, 05 jan. 1912.

²⁵ *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 659, p. 01, 19 jan. 1912.

²⁶ *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 675, p. 01-02, 07 fev. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 676, p. 01, 08 fev. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 677, p. 01, 10 fev. 1912.

²⁷ *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 678, p. 01, 13 fev. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 679, p. 01-02, 14 fev. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 680, p. 01, 15 fev. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 681, p. 01, 16 fev. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 682, p. 01, 17 fev. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 683, p. 01-02, 19 fev. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 684, p. 01, 20 fev. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 684, p. 02, 21 fev. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 685, p. 01, 22 fev. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 686, p. 02, 23 fev. 1912.

Müller havia visitado o enfermo Rio Branco e se reunido, posteriormente, com Hermes da Fonseca²⁸.

No dia 13 de fevereiro há uma nota de poucas linhas falando que Lauro Müller foi convidado a substituir Rio Branco, tendo aceitado o cargo, e outra, maior, mencionando sobre a vaga que seria aberta no Senado em razão disso e os possíveis nomes para seu preenchimento. Segundo o periódico, a pasta já estaria reservada a Lauro Müller por Hermes da Fonseca desde a organização ministerial, sendo que o catarinense havia firmado compromisso com o presidente de que a assumiria caso Rio Branco deixasse o ministério. Ou seja, já havia um indicativo da nomeação de Lauro Müller ao cargo de Ministro das Relações Exteriores antes da morte de Rio Branco²⁹.

Em 15 de fevereiro, acerca do afastamento de Lauro Müller da chefia do PRC, o jornal especula sobre quem o substituirá, bem como diz que alguns comentavam que este afastamento seria “para inglês ver”, opinião que o *Folha do Commercio* não compartilhava³⁰.

No dia seguinte o jornal transcreve o telegrama enviado por Lauro Müller ao Governador do Estado, no qual ele diz se afastar da política catarinense em razão de sua posse como ministro de Estado, declara estar se sacrificando em nome da pátria, tece elogios a Rio Branco e afirma – a exemplo de seu predecessor – que a política externa feita no Brasil não é pessoal, tampouco de determinado governo, mas do Estado brasileiro³¹.

No dia 17 de fevereiro o periódico destaca os telegramas de felicitações recebidas por Lauro Müller, em torno de cinco mil³² e, em 24 de fevereiro, uma nota diz que a primeira recepção diplomática dada pelo novo Ministro das Relações Exteriores foi pouco concorrida³³.

Em 08 de março o jornal ainda repercute a morte de Rio Branco, trazendo editorial do jornal argentino *La Prensa*, escrito pelo chanceler Estanislao Zeballos, rival de Rio Branco, sobre sua morte e sucessão. *La Prensa* via como positiva a nomeação de Lauro Müller para o cargo de chanceler, apesar de este ter prometido continuar a política de Rio Branco – que teria morrido não no triunfo, mas em plena derrota, para o bem do Brasil –, o que poderia significar a continuidade do antagonismo entre as duas nações. Na mesma edição

²⁸ *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 677, p. 01, 10 fev. 1912.

²⁹ *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 678, p. 01, 13 fev. 1912.

³⁰ *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 680, p. 01, 15 fev. 1912.

³¹ *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 681, p. 01, 16 fev. 1912.

³² *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 682, p. 01, 17 fev. 1912.

³³ *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 687, p. 01, 24 fev. 1912.



o *Folha do Commercio* também menciona que no Uruguai a notícia da morte de Rio Branco foi recebida com pesar, e que esta nação considerava o barão um de seus maiores amigos³⁴.

A partir de meados de março são noticiados eventos meramente burocráticos da gestão Lauro Müller³⁵ e as articulações para sua substituição no Senado, que deveria recair sobre Gustavo Richard, para que não houvesse possibilidade, caso Abdon Baptista fosse o escolhido, de dar margem ao ingresso de Paula Ramos na Câmara Federal³⁶.

Diante disso, o que se pode perceber é que o jornal *Folha do Commercio* não fazia oposição nem ao PRC nem a Lauro Müller; suas críticas concentravam-se em Vidal Ramos, a quem era atribuída a maior parcela de responsabilidade pela exclusão de Paula Ramos da representação na Câmara Federal. Apesar disso, a nomeação do catarinense ao cargo de Ministro das Relações Exteriores não despertou euforia por parte do periódico, que se limitou a narrar os fatos, demonstrando maior preocupação com os rearranjos políticos que ocorreriam dentro de Santa Catarina do que propriamente com o significado que a posse de Lauro Müller ao posto mais alto do Itamaraty representava para o Estado.

Conclusão

O ano de 1912 revelou-se promissor ao Estado de Santa Catarina em termos de representação política no cenário nacional, porquanto foi marcado pela nomeação de um ilustre filho da terra – o itajaiense com ascendência alemã Lauro Severiano Müller – ao mais alto posto do Ministério das Relações Exteriores.

Mais próspero na carreira política do que na militar, Lauro Müller foi governador do Estado, deputado e senador na recém-criada República, além de ministro da Viação e Obras Públicas do governo de Rodrigues Alves entre 1902 e 1906.

Em fevereiro de 1912, após a morte do barão do Rio Branco, é oficialmente convidado pelo marechal Hermes da Fonseca a assumir o Ministério das Relações Exteriores, embora se diga que a pasta já estivesse reservada a ele.

No entanto, apesar de a nomeação ter sido extremamente representativa para o Partido Republicano Catarinense - PRC e para Santa Catarina, no jornal *Folha do Commercio* o fato foi noticiado de forma apenas burocrática, estando o veículo de Crispim Mira – que se autodeclarava de linha editorial independente – mais preocupado com os rumos da política

³⁴ *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 698, p. 01, 08 mar. 1912.

³⁵ *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 699, p. 01, 13 mar. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 701, p. 01, 15 mar. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 702, p. 01, 16 mar. 1912; *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 710, p. 01, 26 mar. 1912.



catarinense a partir da renúncia de Lauro Müller ao cargo de senador e à chefia do PRC do que com sua posse como chanceler do Brasil.

REFERÊNCIAS

Fonte documental:

Jornal *Folha do Commercio*, de Florianópolis, no período de 01/01/1912 a 31/03/1912.

Fontes bibliográficas:

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CORRÊA, Carlos Humberto. *Os governantes de Santa Catarina de 1739 a 1982: notas biográficas*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1983.

DORATIOTO, Francisco. Projeção brasileira na América do Sul. *Nossa História*, São Paulo, ano 3, n. 25, p. 24-27, nov. 2005.

KONDER, Marcos. *Lauro Müller: a pequena pátria*. Florianópolis: FCC Edições, 1982.

LEITÃO, Alexandre; MELO, Alice. *Folia em dose dupla*. Em <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/folia-em-dose-dupla>> Acesso em 15/11/2012.

MACHADO, César do Canto. *Biografias de catarinenses notáveis*. Florianópolis: Insular, 2001.

MAGNOLI, Demétrio. Uma ilha chamada Brasil. *Nossa História*, São Paulo, ano 3, n. 25, p. 14-19, nov. 2005.

MOURA, Cristina Patriota de. Um nobre solitário. *Nossa História*, São Paulo, ano 3, n. 25, p. 32-35, nov. 2005.

PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de desterro no século XIX*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995.

PEREIRA, Moacir. *Imprensa & poder: a comunicação em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, FCC Edições, 1992.

RICUPERO, Rubens. As lições do barão. *Nossa História*, São Paulo, ano 3, n. 25, p. 36-39, nov. 2005.

³⁶ *Folha do Commercio*, Florianópolis, n. 701, p. 01, 15 mar. 1912.



_____. Espólios de guerra. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 37, p. 21-23, out. 2008.

_____. O desenhista do Brasil. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 77, p. 60-64, fev. 2012.

SEGANFREDO, Andréia. *À sombra de Rio Branco: a cultura política na gestão do chanceler Lauro Müller nos jornais Folha do Commercio e O Dia (1912-1917)*. TCC (Graduação em História) – FAED, UDESC, Florianópolis, 2011.

Recebido em 26 de novembro de 2012.

Aceito para publicação em 20 de dezembro de 2012.

